

POESIAS E NARRATIVAS NO ENSINO MÉDIO: PRÁTICAS ARTESANAIS NO PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA - UNISINOS

**Cláudio Marques Mandarino, Elaine Evaldt Machado, Cláudia Jaqueline Michel,
Graziela Steglich Fagundes, Bruno Heinen e Patricia Mor**

1. Professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Professor da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, RS.
2. Professora de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, RS.
3. Acadêmico do curso de Educação Física da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS.

Resumo: O presente estudo trata de uma experiência pedagógica no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), que utilizou poesias e narrativas durante uma prática pedagógica com alunos do ensino médio. O seu objetivo principal é conhecer a potencialidade de uma estratégia de ensino que se utiliza de poesias e narrativas como um demarcador dos modos de ser e agir na docência da Educação Física. No corpo teórico, subsidiamo-nos da noção de experiência de Michel Foucault e Jorge Larrosa como matriz principal para organizar a nossa construção de identidade com saberes pedagógicos que oportunizam uma experiência com idas e vindas. Os caminhos investigativos da pesquisa são de cunho qualitativo, do tipo descritivo com análise documental. Estiveram envolvidos cinco bolsistas do PIBID – Educação Física, da Unisinos, e duas turmas de ensino médio de uma escola pública estadual do Rio Grande do Sul. Analisamos poesias e narrativas sobre as aulas produzidas entre os meses de agosto e setembro de 2014 em decorrência da proposta pedagógica relacionada a um jogo de boliche e que ficaram arquivadas no PIBID – Educação Física. Os resultados da pesquisa foram baseados a partir do eixo da noção de experiência em que foram vinculadas duas categorias de análise: o tornar-se professor(a) e as práticas artesanais. Como considerações finais, o estudo evidencia os desafios que as condições de possibilidade do tornar-se professor(a) e as práticas artesanais são atravessados pela noção de experiência. Portanto, um professor(a) que utiliza práticas pedagógicas artesanais terá a oportunidade de se transformar e se tornar, na sua experiência, um professor(a) diferente daquele que vinha sendo antes.

Palavras-chave: Poesias. Práticas Artesanais. Tornar-se Professor(a). PIBID Educação Física - Unisinos.

POETRY AND NARRATIVE IN HIGH SCHOOL: ARTISAN PRACTICE IN PIBID PHYSICAL EDUCATION - UNISINOS

Abstract: This study is a teaching experience in PIBID (Scholarship Institutional Program for Initiation to Teaching), which used poetry and narratives during a pedagogical practice with high school students. Its main purpose is to know the potential of a teaching strategy that uses poetry and narrative as a track of the ways of being and acting in the teaching of Physical Education. In theoretical corpus we had the support of Michel Foucault and Jorge Larrosa experience as a main matrix to organize our identity construction with pedagogical knowledge that creates an experience with comings and goings. The investigative paths of the research are of qualitative nature, descriptive with documental analysis. Five fellows from PIBID have been involved – Physical education, Unisinos, and two high school classes in a public school of Rio Grande do Sul. We analyzed poetry and narratives about the classes produced between the months of August and September 2014 due to the pedagogical proposal related to a game of bowling and that were filed in PIBID – Physical Education. The research results were based from the axis of the concept of experience in which two categories of analysis were linked: becoming a teacher and the artisanal practices. As conclusion, the study highlights the challenges that the conditions of becoming a teacher and the artisanal practices are crossed by the notion of experience. Thus a teacher who uses artisanal pedagogical practices will have the opportunity to transform and become, in his experience, a teacher different from that one he had been before.

Keywords: Poetry. Artisanal Practices. Become a Teacher PIBID Physical Education - Unisinos.

Considerações iniciais

O presente estudo está situado dentro de um contexto educacional em que ocorre o encontro entre o âmbito universitário com o cotidiano escolar a partir de uma política governamental que está preocupada com a iniciação à docência dos acadêmicos do Curso de Educação Física da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). O seu objetivo principal é conhecer a potencialidade de uma estratégia de ensino que se utiliza de poesias e narrativas como um demarcador dos modos de ser e agir na docência da Educação Física. Especificamente, pretendemos analisar o exercício da docência dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), tendo como demarcador teórico a noção de experiência de Michel Foucault. Nesse sentido, algumas perguntas que nos acompanham dizem respeito aos seguintes questionamentos: em que condições foram produzidos os documentos relacionados às poesias e narrativas? Como os desafios das poesias e narrativas

presentes nas aulas Educação Física foram posicionadas e posicionaram os envolvidos na proposta pedagógica?

Quando trazemos para o debate acadêmico uma experiência ocorrida no interior da escola, estamos criando um desafio que nos direciona a um caminho onde os modos de exercitar a docência permitem uma transformação no momento em que somos colocados numa relação consigo mesmo, tal como nos ensina o filósofo Michel Foucault. Isso possibilita que não saíamos os mesmos, ou seja, saíamos educadores diferentes de como entramos. E essa experiência consigo mesmo (LARROSA, 1994) é traduzida aqui com base nas práticas pedagógicas, que permitem um diálogo acadêmico a partir de um exercício reflexivo sobre as ações desenvolvidas.

Para seguirmos adiante neste artigo, organizamos sua estrutura de tal forma que, na seção seguinte, apresentamos o corpo teórico. Posteriormente, expusemos os caminhos metodológicos que permitiram fazer com que o estudo de campo fosse desenvolvido. A seção subsequente trata da apresentação e discussão das informações recolhidas durante o processo de intervenção pedagógica do jogo de boliche. E, por fim, são apresentadas as considerações finais.

Corpo teórico

Nesta parte do trabalho, organizamo-lo de tal forma que seja possível entender de onde o tema surgiu, a linha de pensamento acadêmico que seguimos e como ela dialoga com o contexto escolar. Reservamos um espaço para posicionar de forma histórica e contingente em que contexto institucional este estudo aconteceu. Posteriormente, são apresentados alguns estudos que já trataram do tema da formação de professores no Pibid, bem como de poesias e narrativas na Educação Física escolar.

Ao tratarmos da noção de experiência, é importante destacar que Foucault (2006, p. 10) relaciona aos modos de subjetivação, ou seja, a maneira como os indivíduos são conduzidos a se reconhecerem como sujeitos numa determinada prática, e que esta prática envolve um campo de conhecimentos articulados em

regras e coerções no qual a experiência diz respeito à “formação dos saberes que a ela se referem, os sistemas de poder que regulam suas práticas e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade”. Voltando ao nosso objeto de pesquisa, direcionamo-nos às práticas cotidianas que nos constituem como sujeitos de uma docência. Portanto, nesta docência, as nossas condutas estão relacionadas a regras morais de ser e de agir, assim, esclarece-nos o filósofo:

Tratava-se de ver de que maneira, nas sociedades ocidentais modernas, constituiu-se uma ‘experiência’ tal, que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma ‘sexualidade’ que abre para campos de conhecimento bastante diversos, e que se articula em um sistema de regras e coerções. O projeto era, portanto, o de uma história da sexualidade enquanto experiência, se entendermos por experiência a correlação, em uma cultura entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade [...] (FOUCAULT, 2006, p. 10-11).

Esses campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade são constituídos dentro de um contexto em que se fazem presentes as ações de governo em relação à formação de professores que envolvem diferentes instituições. Tratamos aqui de quatro documentos fundamentais para localizarmos este diálogo que nos constitui na/para docência: o projeto governamental do PIBID; o projeto institucional do PIBID/Unisinos; os objetivos do Programa e o subprojeto de Educação Física do PIBID/Unisinos; e, finalmente, o projeto político pedagógico da escola. De forma rápida, apresentamos os seus principais objetivos e uma análise posterior.

Ao incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica, um objetivo que gostaríamos de destacar é a inserção dos licenciandos nas escolas da rede pública para experimentar práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar. A partir desse objetivo, o projeto institucional da Unisinos (2013) objetivou o exercício do magistério, considerando a escola pública como locus privilegiado para a formação de professores(as) que confronte os saberes

profissionais e experimentais. No subprojeto da Educação Física, temos por objetivo principal considerar a nossa proposta da seguinte forma:

Por uma Educação Física Escolar que incentiva os conhecimentos, as atitudes e as habilidades nas culturas corporais de movimento: organização, sistematização e diálogo interdisciplinar em prol do exercício de cidadania com educação, saúde e lazer (PIBID/EDUCAÇÃO FÍSICA/UNISINOS, 2013, p.1).

Portanto, é dentro dessa articulação, que envolve o Pibid/Educação Física/Unisinos, que trazemos a Proposta Político Pedagógica da escola, definida para o desenvolvimento do projeto institucional, em que é destacado que ela (a escola) tem por finalidade ser um espaço coletivo na construção social do conhecimento com o exercício do diálogo e da democracia participativa etc. Ressalta também como objetivo *proporcionar um ambiente que seja favorável à educação, onde educador e educado possam agir de maneira coerente, autônoma e responsável* (EEEM EMILIO SANDER, 2001, p. 3). Essa oportunidade exige que uma linha de pensamento teórico esteja presente para dar suporte reflexivo sobre o exercício de tornar-se professor(a).

Para pensarmos nosso lugar enquanto professores(as), procuramos fazer um diálogo com pesquisadores que têm se dedicado a estudar a função docente a partir da linha de pensamento do filósofo Michel Foucault, que nos oferece a oportunidade de refletir sobre nossa própria ação docente. Tratamos aqui de Fabris e Dal'Igna (2013), com os processos de fabricação da docência no PIBID, e Oliveira (2015), com o tornar-se professor no Pibid a partir da matriz da experiência. Na mesma esteira, Larrosa (1994), com a noção de experiência como um processo de ida e vinda; Biesta (2013, p.27), que nos traz o questionamento: *como o sujeito humano, como um indivíduo único e singular, torna-se presença?*; e Foucault (2010), com a ideia de que a experiência é algo do qual saímos transformados. Pensar na função docente na formação acadêmica com objetivo de atuar na escola pública é, também, seguir aquilo que Maschelein e Simons (2013, p.10) nos mostram em seu livro "Em Defesa da Escola: uma questão pública" ao comentarem que *nós nos recusamos, firmemente, a endossar a*

condenação da escola. Ao contrário, defendemos a sua absolvição. No mesmo parágrafo, concluem que:

[...] a escola oferece 'tempo livre' e transforma o conhecimento e as habilidades em 'bens comuns', e, portanto, tem o *potencial* para dar a todos, independentemente de antecedentes, talento natural ou aptidão, o tempo e o espaço para sair de seu ambiente conhecido, para superar e renovar (e, portanto, mudar de forma imprevisível) o mundo. (MASCHELEIN; SIMONS, 2013, p.10).

Fazer essa defesa permite com que todos possamos compreender melhor a função e a responsabilidade que temos enquanto professores(as), tendo uma função e uma responsabilidade que não cabem a qualquer um. Essa função e essa responsabilidade, no entanto, devem ser desempenhadas por aqueles que se dedicaram, se formaram e que pensam, agem e são por elas afetados. Isso faz com que exista um movimento de ida e vinda, naquilo que Jorge Larrosa explica como sendo:

Um movimento de ida porque a experiência supõe um movimento de exteriorização, de saída de mim mesmo, de saída para fora, um movimento que vai ao encontro com isso que passa, ao encontro do acontecimento. E um movimento de volta porque a experiência supõe que o acontecimento afeta a mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero etc. (LARROSA, 2011, p. 6-7)

Nesse sentido, encontramos, no ensaio de Mandarino (2012a), um estudo sobre poesias e narrativas com alunos em situação de rua; outro (2012b) sobre a prática pedagógica das poesias, dialogando com o livro *Menino do Mato* do poeta Manoel de Barros; e com Jost, Pereira Filho e Mandarino (2014), uma experiência com o pular corda numa turma do ensino fundamental e a utilização de poesias. Também com Mandarino (2014), relatando a partir de poesias, a experiência da infância com o jogo da amarelinha. Leiria (2014) com poesia de desenho nas aulas de Educação Física.

Portanto, a poesia é um elemento central para dar mais sentido aos elementos da cultura corporal que foram desenvolvidos.

Caminhos metodológicos

O nosso percurso investigativo nos conduziu a fazer problematizações no âmbito das práticas que nos constituem enquanto docentes. Dentro das opções que fizemos, em nosso caminho, deparamo-nos com um modelo de pesquisa qualitativo para olharmos os documentos produzidos e arquivados e fazermos uma análise de discurso. Portanto, os exercícios interpretativos sobre as características presentes nas unidades de sentido presentes nos documentos são entendidos como discursos que:

[...] nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade de silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 2010b, p,49).

Estas unidades que chamamos de categorias estão relacionadas ao eixo da experiência, são atravessadas por ela. Cada uma delas está carregada de enunciados que serão posicionados dentro daquilo que é entendido como verdadeiro ou falso num discurso que produz o outro. Os sujeitos docentes, produzidos aqui, são capturados por um olhar que não pretende ser totalizante nem fundante, mas sim procurou encontrar verdades provisórias para nomear o que foi instituído, ou seja, as categorias de análise de: tornar-se professor(a) e as práticas pedagógicas artesanais. O estudo de Foucault (2010b, p. 26) mostra que o autor do discurso, aquele que se põe a escrever, tem uma existência, “[...] o autor como princípio de agrupamento de discursos, como unidade e origem de significações, como foco de sua coerência”, organiza um discurso com enunciados que o capturaram. A nós, pesquisadores, se faz necessário considerar este agrupamento de discursos para não cairmos no erro de

sermos prescritivos a partir das duas categorias a serem analisadas, tomando-as como algo rígido e imutável em detrimento de serem históricas e contingentes.

Estiveram envolvidos na pesquisa cinco bolsistas do PIBID – Educação Física da Unisinos, uma supervisora da Escola Estadual de Ensino Médio Emílio Sander, um coordenador do subprojeto do PIBID e duas turmas do ensino médio de uma escola pública estadual do Rio Grande do Sul.

Nas estratégias para a proposta pedagógica relacionada ao jogo de boliche, foram coletadas poesias e narrativas presentes nas aulas de Educação Física e na disciplina de Literatura, durante os meses de agosto e setembro de 2014, o que gerou um banco de documentos que ficaram guardados nos arquivos do PIBID – Educação Física, da Unisinos. Foram analisadas as poesias e narrativas elaboradas pelos alunos do ensino médio e bolsistas do PIBID. No total, tivemos 26 poesias e 5 narrativas. As poesias dos estudantes, tratando do jogo do boliche, foram escritas em sala de aula na disciplina de literatura. As poesias dos bolsistas, supervisor e coordenador do Pibid/Educação Física/Unisinos, foram elaboradas a partir de situações que aconteceram durante as aulas. Outras, em momentos sobre a própria reflexão da atuação docente. Da mesma forma as narrativas feitas, individualmente, pela equipe do Pibid/Educação Física/Unisinos em momentos sepados. Tanto as poesias, como as narrativas trazem consigo um exercício de si em que passamos refletir sobre a nossa formação individual e coletiva no contexto escolar. Para apresentar as informações coletadas, adotamos as seguintes siglas: **P** para poesia, **N** para narrativa, **A** para aluno da escola, **B** para bolsista PIBID, **S** para supervisor e **C** para coordenador. Por exemplo, quando são citadas as informações, aparece a seguinte sigla “**A3_P_2014**”, referindo-se ao **aluno de número 3**, que escreveu uma poesia no ano de 2014.

A proposta pedagógica do jogo do boliche

Antes de passarmos a apresentar as duas categorias que definimos, faz-se necessário trazermos alguns antecedentes que estiveram presentes para que a

proposta acontecesse. Em primeiro lugar, destacamos que houve uma preparação de toda a equipe do PIBID/Educação Física/Unisinos para que pudéssemos iniciar a proposta. Durante o primeiro semestre, foi desenvolvida uma sondagem sobre os interesses dos alunos da escola, e o jogo do Boliche foi o que recebeu um maior valor absoluto em relação aos demais elementos da cultura corporal de movimento. Definimos como objetivo a promoção de aulas com a cultura corporal do jogo de Boliche com o intuito de oportunizar aos pibidianos uma construção coletiva sobre o conhecimento desse esporte. Juntamente à experiência corporal, tivemos o propósito de estimular a reflexão das aulas a partir de elementos da literatura, tais como poesias, contos, crônicas, músicas, etc.

Na etapa seguinte, organizamos os materiais pedagógicos a serem utilizados. As garrafas pet com pinos (com um pouco de peso na sua base), as bolas improvisadas (tênis, basquetebol, futsal, voleibol e handebol). O espaço utilizado foi a quadra desportiva da escola. Foram escolhidas duas turmas do ensino médio noturno para colocar em prática o projeto. O motivo de termos escolhido essas duas turmas foi somente por elas estarem no horário da escola, no dia em que todos os bolsistas do PIBID, sua supervisora e seu coordenador estariam reunidos e poderiam participar efetivamente do mesmo.

Na primeira semana de setembro de 2014, iniciamos o projeto com a apresentação de lâminas “*power point*” sobre o histórico e as regras básicas do jogo do boliche. Toda a equipe do PIBID/Educação Física/Unisinos ficou envolvida na proposta. Nas semanas seguintes, os pibidianos passaram para a parte prática das aulas. Estas aulas de Educação Física foram ministradas para as turmas 116 e 213 nas segundas-feiras, à noite. Na segunda aula, com a intenção de estimular a reflexão das aulas, foi lida uma poesia (e assim aconteceu nas aulas subsequentes) ao mesmo tempo em que foi sugerido aos bolsistas, supervisora e também aos alunos que trouxessem elementos literários (poesia, conto, crônica, música, etc.), criados para pensar o jogo do boliche. Fazemos uma observação que pode ser óbvia, ou seja, a aula, com a sua organização de começo com a preparação corporal, desenvolvimento com a vivência do esporte e parte final com conversa e avaliação, não abria espaço para que houvesse uma negociação de qualquer tempo da aula para que fossem

desenvolvidas outras práticas da cultura corporal de movimento. Comentamos isso porque é muito comum, no cotidiano da Educação Física escolar¹, o professor(a) garantir a sua proposta cedendo em torno de quinze a vinte minutos finais da aula para que alguns alunos(as) joguem futsal ou façam outra atividade sem a tutoria do professor.

Feitos esses esclarecimentos, passamos, a seguir, a fazer a discussão das informações com as categorias de análises já apresentadas e, dessa forma, estabelecer um diálogo acadêmico com uma proposta pedagógica que ocorreu no interior das aulas de Educação Física.

Práticas artesanais

Como foi apresentado na seção anterior, existia uma rotina, durante as aulas de Educação Física, que permitiam criar condições para que a proposta ocorresse de acordo com o objetivo previsto e os critérios estabelecidos. Foram as rotinas das aulas que nos ajudaram a pensar sobre as práticas artesanais.

Prática artesanal é uma categoria que poderíamos avançar em relação ao que Jost, Pereira Filho e Mandarino (2014) haviam nomeado como prática inovadora. Esta escolha, porém, gerou um certo desconforto, pois:

Se hoje todos clamam por inovação – reacionários e progressistas, liberais e neoliberais –, será que estão falando a mesma coisa? No mínimo, temos que radicalizar a crítica e conseguir perceber quando a inovação move para pensar, fazer e ser diferente, porque essa é a opção transformadora e quando ela é apenas um culto ao novo, que inventa ou movimenta uma moda, uma técnica, um jeito diferente de fazer. (FABRIS e DAL'IGNA, 2013, p 59)

O nosso questionamento em relação à ideia de prática inovadora se relaciona com isso que as autoras trazem para refletirmos, pensarmos, fazermos e sairmos

¹ Estamos nos referindo a relatos que é coletado, informalmente, de alunos e alunas, bem como de professores e professoras de Educação Física que atuam no contexto escolar.

dessa experiência diferente de como entramos. Pensamos numa prática pedagógica que não esteja pautada por um modismo, mas que nos permita idas e vindas, tal como Jorge Larrosa explicou. Posicionamos a palavra prática, não somente com o que fazemos durante as aulas enquanto saberes necessários para ensinar e como proceder, mas forma como nos constituímos em modos de ser e de agir. Tomamos a palavra prática no sentido em que Foucault (2006, p.27-8) escreveu sobre as práticas de si, em que passamos a nos constituir como sujeitos morais de determinada regra e conduta, e como ela, a regra, o conduz a se reconhecer como que ligado a ela, e também: “que se efetua sobre si mesmo, não somente para tornar seu comportamento conforme uma regra dada, mas também para tentar transformar a si mesmo em sujeito moral da sua própria conduta”. Nesse sentido, pareceu-nos relevante fazer um viés com a ideia do artesanal, explorando a reflexão de Sennett (2013), compreendendo a prática da artesanaria como uma relação entre o fazer e o pensar, repetindo o fazer, pensando e refletindo sobre o que foi feito e pensado. Refletir, portanto, para fazer bem, refletir para ampliar o que foi pensado e até pensar diferente. De forma mais explícita, ao comentar sobre isso, o sociólogo faz a seguinte reflexão:

Revisitar repetidas vezes uma ação, em contrapartida, permite a autocrítica. A educação moderna evita o aprendizado repetitivo, considerando que pode ser embotador. Temeroso de entediar as crianças, ávido por apresentar estímulos sempre diferentes, o professor esclarecido pode evitar a rotina, mas desse modo impede que as crianças tenham a experiência de estudar a própria prática e modulá-la de dentro para fora. (SENNETT, 2013, p.48).

E, ao comentar sobre os esportes, Sennett (2013, p.48) destaca que “repetindo infindavelmente um saque de tênis, o jogador aprende a jogar a bola de maneiras diferentes”. Tal como o exercício artesanal, a prática pedagógica que faz uso dessa estratégia de continuidade de suas aulas torna mais denso o exercício de ensinar. Neste momento o(a) professor(a) que insiste no que está ensinando, que repete o ensinado cria outras condições para que alguma coisa que o transforme. No cotidiano escolar que apresentamos anteriormente, a partir de uma única cultura corporal de

movimento, como foi o caso do jogo do Boliche. Destacamos isso, pois é o que tem se perdido, também, nas aulas de Educação Física. Então, numa participação de todos, repetindo o jogo do boliche a cada aula, trazendo poesias para serem lidas, foram postas, na mesa de trabalho, as possibilidades de sermos atravessados por uma prática artesanal, que, com as exigências presentes nela, conduzimos e fomos conduzidos a nos colocar numa relação conosco mesmos.

Portanto, interessamo-nos em explorar, nestes modos de ser e de agir, elementos de um pensamento de cunho literário, como outros estudos já fizeram, e romper com um tipo de tradição de se trabalhar na Educação Física. Porém, romper com um tipo de tradição não significa negá-la, já que fomos constituídos por ela, mas temos a possibilidade de nos sentirmos livres para pensar outras estratégias de ensino.

A seguir, trazemos os diálogos que estabelecemos com os estudantes e os estudantes com a proposta do jogo de boliche. Foi possível pela poesia uma linguagem com a voz e a audição, com a poesia dos corpos e a sua produção de sentidos na cultura corporal, ao mesmo tempo em que se é atravessado pela prática artesanal. No final da primeira aula do jogo de boliche, a primeira poesia foi escrita, e lida no início da aula seguinte:

Eu errei com a bola/ mas acertei com o olhar/ a bola deslizou no chão/ e quase levou a minha mão/ o meu gesto se acomodou/ com o corpo que gritou/ a história que contei/ foi da regra que me deparei/ e pino que acertei. (C_P_2014)

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa do Pibid/Educação Física/Unisinos.

Como já era anunciado e esperado, a leitura da poesia já retratava momentos que tinha ocorrido na aula anterior, ao mesmo tempo em que convidava todos a fazerem suas próprias poesias. A leitura foi uma missiva destinada aos outros. As poesias, com suas idas e vindas (dos bolsistas para os alunos; dos alunos para os bolsistas, e, também, na disciplina de literatura), potencializou-se pelo caráter interdisciplinar que foi assumindo. Um convite para que pudéssemos explorar esse

momento pedagógico da aula. Foi nesse sentido que a Bolsista 1 escreveu sua poesia na aula seguinte:

Vamos jogar? O jogo de boliche/ Jogue sem pressão/ Não importa se é sem sorte/
O que vale é a emoção/ Independente da bola/ A missão é derrubar/ Pegue a bola
que vier/ E vamos jogar!/ Cada ponto é importante/ Para no fim ser vencedor/
Mesmo com a bola de tênis/ Preciso acertar o corredor/ Na vitória ou na derrota/ O
que importa é participar/ E aí eu te pergunto:/ Esse boliche, vamos jogar?
(B2_P_2014)

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa do Pibid/Educação Física/Unisinos.

Também tivemos a oportunidade de escutar a leitura feita pela Supervisora local do PIBID, que escreveu o seguinte:

Boliche Colorido. As garrafas são bonitas/As bolas diferentes/Os alunos
empolgados/Com os lances atraentes/ Primeiro torcem o nariz/O que querem esta
gente/ Queria jogar futebol/Mas vou abrir minha mente/O PIBID perguntou/ O
que eu queria vivenciar/O boliche foi a escolha/ E agora vamos jogar/ Sou um cara
inteligente/ Não há nada que me mixe/Quero me divertir muito/ Jogando este tal
de boliche. (S1_P_2014)

Bolas Diferentes. Agora é a minha vez/Não é esta bola não/Quero a bola maior/Pra
alegrar meu coração/São bolas diferentes/Gosto mais da de basquete/É a mais
pesada de todas/A de tênis não obedece/ Quica a bola de basquete/Rola a bola de lá
para cá/A de tênis não conquista/ vontade de jogar/ Ela é leve e pequenina/ A de
futsal é melhor/ A de handebol nem se fala/ Cabe na mão da menina/ Entre uma
bola e outra/ vou mostrando minha habilidade/ Podendo escolho a maior/ E acerto
de verdade. (S2_P_2014)

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa do Pibid/Educação Física/Unisinos.

Podemos comentar que, nas poesias, estão presentes olhares que procuram trazer outras perspectivas, diferente das narrativas, em que o jogo de boliche fosse retratado. Sobre isso podemos citar:

[...] a poesia pode ajudar a romper o modo convencional de perceber e de julgar os fatos. Ao encenar os jogos de linguagem, ela acorda o leitor para as estranhezas do cotidiano. O leitor passa, então, a ver a realidade com novos olhos, dando atenção a aspectos nunca antes percebidos. (SORRENTI, 2009, p.114)

A análise da autora expressa muito bem o sentido que as poesias foram tomando no decorrer das aulas de Educação Física com o jogo de boliche e a presença dos pibidianos. Na poesia do Aluno 3, que foi desenvolvida em aula a partir de uma parceria com a disciplina de língua portuguesa e literatura, encontramos esta preciosidade:

Em um sábado à noite/ com alguns amigos eu saí/ e sem nada para fazer/ jogamos boliche para se divertir/ Mas era um jogo muito difícil/ e eu queria aprender/ para provar para todo mundo/ que o difícil só é um obstáculo para vencer / [...]/ E no final desta noite/ o objetivo foi alcançado/ não tivemos ganhadores/ mas sim aprendido. (A3_P_2014)

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa do Pibid/Educação Física/Unisinos.

O jogo de boliche que o aluno vivenciou durante as aulas e suas experiências de lazer no sábado à noite permitiram que ele relacionasse os dois momentos para refletir sobre o jogo de boliche com o sentido de vencer obstáculos, pois, mesmo não tendo “ganhadores”, o aprendizado esteve presente. Os Alunos 2 e 5 comentaram o seguinte sobre a experiência do jogo de boliche:

Toda semana na escola/ Aprendemos uma nova lição/ e bola que vai e vem/ E alunos ansiosos também/ Tem bola grande e bola pequena/ Pesada e levezinha/ Uns que ganham outros que perdem/ Para os amigos ou amiguinhas/ Um esporte diferente/ Demorei para conhecer/ toda semana jogando/ Além de divertido é fácil de aprender/ Boliche é um esporte diferente/ Quem faz o strike fica contente/ Tem alunos com medo de errar/ mas é uma jogada que vale a pena tentar/ O objetivo do jogo/ É muitos pinos derrubar/ Marcar muitos pontos/ E do time adversário ganhar. (A2_A5_P_2014)

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa do Pibid/Educação Física/Unisinos.

O medo do errar é uma experiência que deve ser experimentada e oportunizada e está muito presente quando nos deparamos com as práticas corporais, com o corpo em aprendizagem, o corpo em desafios, o corpo em vivência, o corpo que joga a bola para frente e que corre o risco de seguir junto, caindo no chão ou paralisando seu gesto no equilíbrio do corpo. Assim como a experiência que trata Jorge Larrosa, com idas e vindas, os alunos escrevem “e bola que vai e vem”. Cada ida e vinda, cada gesto testado, cada emoção ao final do arremesso, das garrafas caindo no chão após a explosão do impacto da bola, passa a ser enorme. E as poesias nos ajudam a perceber a potencialidade das aprendizagens presentes. Na próxima poesia citada, novos olhares aparecem:

Nas mãos do bolicheiro/ Lançando a bola na pista/ Nem sempre o tiro é certo/ Strike é boa conquista/ De fato que força não é tudo/ às vezes na manha é melhor/ E tem vezes que de tanta força/ Vamos de mal a pior/ O impulso com a mão é tudo/ Habilidade é muito importante/ Concentrando e sendo hábil/ O nível aumenta bastante/ Quando são bons os adversários/ E vemos a coisa preta/ Usamos da malandragem/ Com proteção na canaleta. (A6_A7_P_2014)

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa do Pibid/Educação Física/Unisinos.

Os alunos que escreveram essa poesia têm como pensamento a própria vivência corporal em que foram inseridos nas aulas de Educação Física. Com elas puderam pensar em elementos como força, habilidade, adversários, malandragem, manha (jeito), concentração e até a naturalização de uma questão que não podemos deixar de destacar: “e vemos a coisa preta”. Sabemos que o sentido que está por trás disso tem a conotação de uma produção de identidade do outro, assim como “a coisa está russa”, “isto é islâmico”, etc. Como exercício da docência, faz-se necessário estarmos atentos a isso tudo e aprendermos a lidar pedagogicamente com temas dessa natureza, temas que, muitas vezes, criam condições para que se faça um apagamento do outro. E, na disciplina de Educação Física, muitas vezes, temos a oportunidade de debater essas questões, pois:

[...] a Educação Física, enquanto disciplina curricular, tem um papel importante na formação dos alunos, desde que se trabalhe com uma estratégia de ensino que busque contextualizar e diversificar as aulas, fazendo com que os alunos possam expressar os seus conhecimentos, através da disciplina, seja durante os movimentos, ou então nas conversas informais, poesias e desenhos. (JOST; PEREIRA FILHO; MANDARINO, 2014, p. 14).

Encerramos a apresentação das poesias com um exercício do pensamento em que os modos de tornar-se professor(a), as suas condutas, permitem fazer coisas diferentes para que seja possível pensar diferente quando estamos diante de práticas artesanais.

Professor(a) estou sendo/ passos de potência/ caminhos do porvir/ lugares a dialogar/ docência a me pensar/ eventos para tornar-se/ professor(a) na experiência/ transformação do que já não sou/ na pluralidade e diferença.
(C_P_2_2014)

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa do Pibid/Educação Física/Unisinos.

As práticas artesanais caminham na direção de um modo de ser e de agir na docência (OLIVEIRA, 2015; DAL'IGNA e FABRIS, 2015). As possibilidades presentes nas nossas condutas, nos nossos modos de nos relacionamos conosco, passam a estar mais presentes quando estabelecemos critérios de organização das aulas, repetindo-as, e, na própria repetição, permitindo-nos fazer uma autocrítica, pensarmos e levarmos os alunos a pensarem como o fizemos com as poesias. Estas práticas artesanais articulam-se com a nossa construção docente.

Tornar-se professor(a)

Tornar-se professor(a), potência, porvir, diálogo, pensamento, experiência, pluralidade e diferença são palavras que aparecem nessa última poesia citada, que serve para que possamos estabelecer com ela processos de idas e vindas em nossa formação. Os relatos que apresentaremos a seguir nos ajudarão a amarrar melhor o que estamos trazendo no momento, quando aceitamos o desafio de utilizar poesias nas aulas de jogo de boliche durante o mês de setembro/outubro de 2014. Mostrar como os modos de ser e de agir (DAL'IGNA e FABRIS, 2015) são condições de possibilidade para estabelecermos uma relação com as nossas práticas artesanais.

Tornar-se professor(a) significou muito mais ainda depois de nossa experiência com o projeto do boliche com os alunos do ensino médio, pois a cada experiência com os alunos durante as aulas fui percebendo o quanto podemos nos transformar a cada dia que passa e tudo isso em função da relação com o nosso aluno. Levar ao aluno um relato sobre as experiências vivenciadas por todos durante as aulas anteriores e ainda em formato literário, que abrilhanta ainda mais a linguagem, é uma experiência única. E sendo uma experiência única a cada encontro se transforma, e assim aprendemos a nos conhecer e conhecer melhor o nosso aluno. Na verdade, deveríamos saber que todas as experiências docentes são únicas, pois, a cada dia que passa, temos pessoas diferentes, diferentes no sentido do olhar e do sentimento, no sentido de sentir. Quando os alunos, os bolsistas, os supervisores e o coordenador

retratam com suas palavras como foi a sua ou as suas experiências, estão trazendo um retorno desta experiência, se foi boa, ruim, colorida, satisfatória, qual o cheiro, qual a forma, enfim, qual o sentimento ou a sensação que lhe trouxe. Fazendo assim um *feed back* de nossa prática, de maneira prazerosa. (S_N_1_2014)

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa do Pibid/Educação Física/Unisinos.

A supervisora do PIBID, ao tratar sobre o tornar-se professor(a), mostra o quanto está disposta a viver uma abertura do porvir, uma experiência com idas e vindas. É possível perceber que, mesmo para uma professora que está prestes a se aposentar, ainda se constrói como uma professora disposta a refletir sobre o seu exercício docente. Na mesma linha de pensamento, a Bolsista 1 apresenta sua narrativa neste excerto:

Esse projeto foi muito importante, pois o resultado foi além do que esperávamos, ou seja, nos surpreendemos com o envolvimento de todos os alunos do ensino médio, pois temos o costume de relacionar jogo a algo mais lúdico, o qual teria real significado às crianças/ ao público infantil, porém foi ao contrário. Talvez, por trazermos algo diferente, fez com que os alunos se interessassem mais pela atividade, foram instigados a sair do cotidiano e percebemos, através do retorno dado, através das poesias e depoimentos, que os mesmos entenderam a proposta e gostaram de participar do jogo de boliche. (B1_N_2014)

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa do Pibid/Educação Física/Unisinos.

Nessa narrativa, a Bolsista 1 mostra com surpresa aquilo que foi o fruto de um planejamento de mais de dois meses, quando (após uma sondagem em que o jogo de boliche foi a cultura corporal com maior expectativa de ser trabalhado) os pibidianos se movimentaram para preparar sua intervenção pedagógica. Nela, tiveram, além de reuniões semanais de segunda-feira à noite, encontros mensais com os

coordenadores do subprojeto do PIBID e reuniões gerais do PIBID institucional da Unisinos. Todos esses momentos foram importantes para que chegássemos diante dos alunos como destaca o Bolsista 1 trazendo “algo diferente”, instigando os alunos a “sair do cotidiano” e, com poesias e narrativas, percebendo a potencialidade dessa estratégia, que, como Mandarino (2012) já havia destacado em seu estudo, é uma prática de liberdade que só é possível de ser ensinada no momento em que o professor(a) também exerça para si mesmo.

A atividade proposta foi exitosa. Tanto em retorno com relatos e poesias como com dedicação e participação nas atividades propostas. Foi escolhido o boliche através de um questionário realizado a partir do 3º ano do fundamental até as turmas de EJA. O boliche foi unanimidade entre todas as idades e turnos. Fizemos nossos pinos com garrafas pet, coloridas com crepom e E.V.A, nossas "bolas de boliche" eram dos esportes mais praticados na escola. Não esperávamos ter uma abertura tão grande como tivemos com os alunos do noturno. Foram várias poesias, vídeos e fotos registrando a participação dos alunos. Concluo, pessoalmente, afirmando que tivemos um bom projeto realizado. Conseguimos levar uma atividade diferente e com práticas corporais diferentes, fazendo com que os alunos percebessem nos seus próprios corpos a mudança. (B3_N_2014)

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa do Pibid/Educação Física/Unisinos.

Nesse outro relato, o Bolsista 3 inicia comentando que “a atividade proposta foi exitosa”, o que também remete a dizer que nós, enquanto professores(as), construímos uma prática exitosa. O deslocamento das práticas tradicionais de Educação Física para uma “atividade diferente”, com vídeos, poesias e registros fotográficos, fez com que o Bolsista 3 do PIBID tivesse uma experiência sobre a qual ele teve a possibilidade de refletir, em que os alunos também perceberam a mudança em seus corpos. Corpos que se transformam, corpos que aprendem e corpos que se mostram; corpos em interação, corpos que ensinam, corpos docentes, corpos discentes, corpos sorridentes e corpos aprendentes. Todos aprenderam, mas, sobretudo, os bolsistas, que tiveram a oportunidade de aprender a se tornarem

professores(as), como podemos ler no próximo excerto, da Bolsista 4, que faz um exercício de seu olhar sobre a proposta desenvolvida:

O Jogo de Boliche foi importante de ser realizado na escola, pois, a partir do questionário feito com os alunos, essa prática foi escolha da maioria. Então houve a pesquisa, a apresentação do jogo em sala de aula e aulas com a prática do mesmo. [...]. Temos que ter motivação, força de vontade e curiosidade para sermos professores(as) cada vez mais atuantes em nossas práticas e construirmos juntos saberes que possamos desenvolver em nossas aulas para que os alunos sintam o quanto é importante ir atrás de assuntos de nosso interesse, ou que possam contribuir e engrandecer aprendizados que serão para a vida (B4_N_2014)

Fonte: Banco de Dados da Pesquisa do Pibid/Educação Física/Unisinos.

Ao mesmo tempo em que comenta sobre o processo de construção do jogo de boliche, a Bolsista 4 destaca a motivação, força de vontade e curiosidade para ser um professor(a) mais atuante. Embora tenha reforçado o lugar de aprendizagem dos alunos da escola, isso aconteceu em um exercício de reflexão em relação ao papel importante que as estratégias de ensino tiveram.

Tornar-se professor(a), vir a ser professor(a), professor(a) do porvir, estamos trazendo aqui um movimento que envolve a experiência tal como Larrosa (2011) comenta como sendo algo de idas e vindas. Ao fazer essa aproximação entre o tornar-se professor(a) com a noção de experiência, destacamos que estivemos em uma situação em que esse acontecimento nos envolveu, nos afetou e foi ao nosso encontro para produzir efeitos na formação de cada um. O porvir, diferente do devir, que nos captura em um lugar determinado futuro, é o que nós entendemos por ser a experiência que provoca uma pluralidade e diferença (BIESTA, 2013) em uma dimensão social e ética do nosso tornar-se presença. Para Biesta (2013, p.26), o tornar-se presença é algo que acontece quando o sujeito único e singular é *uma condição problemática que torna a educação um processo inerentemente difícil*. Comentamos isso

porque, conforme Biesta (2013, p.65), está em jogo o desenvolvimento de modos “diferentes” de ser, fazer ou pensar o que fomos, fazemos ou pensamos. Nisso, portanto, reside o exercício de tornar-se professores(as) e assim termos uma identidade, tal como Garrido (2012) tratou ao escrever sobre a profissão professor(a), uma identidade que não é imutável nem algo que possa ser adquirida. Faz-se aqui uma relação com Biesta (2013), uma identidade que prescinde da presença, ou seja, só se torna presença no momento em que existe uma disjunção. Quando se é posto em uma situação de viver a tensão da presença entre tornar-se professor(a) diante do desafio de estar numa posição de educador daqueles que vieram ao mundo como seres únicos:

É necessário também não esquecer os muitos relatos de adultos para quem engajar-se na educação foi literalmente um evento transformador na vida, uma experiência pela qual eles não vieram a saber o que realmente queriam ou precisavam, mas pela qual encontraram igualmente um novo sentido do seu eu. [...]. Encontrar uma nova identidade significa renunciar a uma identidade antiga, e muito frequentemente não há como voltar atrás, [...]. (BIESTA, 2013, p, 41)

É nisto que reside o porvir, porque não é algo pronto, já previsto, como encontraríamos no devir ou dever ser. Portanto, o tornar-se professor(a) pode ser compreendido como um exercício do porvir. Assim, o desenvolvimento do jogo de boliche trouxe uma oportunidade de se explorar estratégias de ensino que envolvem a poesia e a narrativa, tal como foram utilizadas no estudo de Mandarino (2012). Isto reforça sua potencialidade enquanto uma experiência que permite colocar no cenário da formação do acadêmico e professores(as) um processo de idas e vindas de tornar-se professor(a). A identidade desses sujeitos do porvir pode ser posicionada de forma histórica e contingente, como sujeitos unos e múltiplos, e sujeitos dentro de uma pluralidade e diferença. Temos a oportunidade de sairmos diferentes de como entramos e também não sairmos iguais um ao outro.

Considerações finais

Chegando ao final deste trabalho, estamos cientes de que foi importante trazer para o debate acadêmico duas categorias de análise que nos remetem ao cotidiano escolar e estão presentes em nossa formação profissional. Tanto as poesias quanto as narrativas nos permitiram fazer com que o contexto do jogo de boliche, com a participação de todos os alunos em todas as aulas, mostrasse-nos que estamos diante de um terreno ainda novo, mas que está encontrando espaço para se alicerçar em um diálogo uno e múltiplo. Uno porque utiliza elementos que são da natureza da prática pedagógica da Educação Física, relacionados à cultura corporal, e múltiplo porque está disposto a estabelecer um diálogo horizontal com outras disciplinas, outras áreas do conhecimento.

Dessa maneira, encerramos o trabalho de uma forma interrogativa. A partir do que produzimos no decorrer de dois meses de trabalho com o jogo de boliche, muitas coisas nos permitiram pensar diferente e muitas perguntas surgiram. Mesmo em grupo, estamos em momentos diferentes e não saímos iguais, um ao outro, mas nos questionamos: Como nos constituímos com essa prática artesanal? Estamos saindo diferentes de quando entramos nela? Como tornamo-nos professores(as) com este modo artesanal que nos constitui? Essas são perguntas que cada um dos integrantes do PIBID está levando consigo para que possamos refletir sobre as idas e vindas que compõem nossa formação; e levar estas problematizações para outras práticas artesanais que nos tornam, no cotidiano, professores(as).

Referências

BIESTA, G. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano**. Tradução: Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

DAL'IGNA, M.C.; FABRIS, E.H. Constituição de um *ethos* de formação no Pibid/Unisinos: processos de subjetivação na iniciação à docência. São Leopoldo: **Revista da Educação Unisinos**, v. 19, n.1, p.77-87, janeiro/abril 2015.

EEEM EMILIO SANDER, **Projeto Político-pedagógico**. São Leopoldo. Estado do Rio Grande do Sul/Secretaria de Educação/2ª CRE/EEEM Emílio Sander: 2001. [Documento institucional não-publicado].

FABRIS, E.; DAL'IGNA, M.C. Procesos de fabricación de la docência inovador em um programa de formação inicial brasileiro. Bogotá. **Pedagogía y Saberes**: Universidade Pedagógica Nacional/Facultad de Educación, v. 39. p.49-59, 2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. 11ª Ed. Rio de Janeiro, Graal: 2006.

_____. Conversa com Michel Foucault. In: _____. **Ditos & Escritos VI: Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 20 Ed. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2010b.

GARRIDO, S.P. Formação de professores: identidade, e saberes da docência. In: _____. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 9 Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

JOST, F.; PEREIRA FILHO, E.S.; MANDARINO.C.M. Poesias e desenhos na Educação Física escola: uma prática inovadora. In: **Anais...** VII Congresso sulbrasileiro de Ciências do Esporte. Percursos e percalços do trabalho no lazer, no esporte e na escola: tensões e perspectivas em “tempos de megaeventos”. Matinhos/PR: CBCE, 2014. acesso em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/7csbce/2014/paper/view/6047> (07/06/2015).

LARROSA, J. Tecnologias do eu e Educação. In: SILVA, T. T. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes: p. 35-86, 1994.

_____, J. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, 2011.

MANDARINO, C.M. Experiência de si: A poesia e a narrativa como estratégias pedagógicas na educação física escolar. Santa Maria. **Revista Kinesis**; p. 55 - 64, 2012a.

_____. Educação Física e poesia na escola: Dialogando uma experiência pedagógica com o livro Menino do mato, de Manoel de Barros. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 46-56, 2012b.

_____. Corpo e currículo: questões de linguagens, desenvolvimentos motores, diversidades, experiências, formações e outros plurais. In: MANDARINO, C.M., et al.

A experiência da infância em jogos, desenhos e poesias na Educação Física Escolar. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2014. p.75-96. [recurso online].

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola: uma questão pública.** Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

OLIVEIRA, S. **Tornar-se professor/a: matriz da experiência e processos de subjetivação na docência.** São Leopoldo: Unisinos/PPG em Educação, 2015. [Tese de Doutorado].

PIBID/UNISINOS. **Projeto Institucional.** São Leopoldo, Unisinos/Pibid/Capes/DEB, 2014. [Documento institucional não-publicado].

PIBID/EDUCAÇÃO FÍSICA/UNISINOS. **Por uma Educação Física Escolar que incentiva os conhecimentos, as atitudes e as habilidades nas culturas corporais de movimento:** organização, sistematização e diálogo interdisciplinar em prol do exercício de cidadania com educação, saúde e lazer. São Leopoldo, Unisinos/Pibid/Capes/DEB, 2014. [Documento institucional não-publicado].

SENNETT, R. **O Artífice.** 4. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2013.

SORRENTI, N. **A poesia vai à escola: Reflexões, comentários e dicas de atividades.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p.114) Belo Horizonte. MG-2009.